

A ESTÉTICA DO BELO NA SOCIEDADE DO DESEMPENHO E O APAGAMENTO DOS SENTIDOS DA SAÚDE

Virgilio Magalde de Azevedo
*Estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em
Comunicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)*
magalde@gmail.com

Introdução

Este artigo apresenta o tema da “saúde perfeita” na concepção do “saudável” e do “belo-liso” na sociedade do desempenho. O conceito de “saudável” é abordado aqui como práticas, hábitos e características de corpos que seguem um ideal de qualidade de vida. Já o 'belo-liso' se refere a um padrão estético de corpo sem imperfeições, promovido pela mídia e pela lógica neoliberal. A metodologia desta pesquisa incluiu uma análise crítica de textos teóricos e uma revisão de literatura que abrangeu autores como Byung-Chul Han, Michel Foucault e Georges Canguilhem.

Na primeira parte do artigo, é abordado o sentido do corpo e da saúde ligado a um ideal de transcendência e perfeição; assim como o fenômeno contemporâneo de estetização da saúde e sua ligação com a produção de desejo. Na segunda parte, pretende-se demonstrar que o conceito do saudável transformou-se em um contágio na atualidade aliado a um discurso midiático e neoliberal de um padrão anatômico-corporal de beleza, aptidão e autoaperfeiçoamento. Por fim, é destacado o impacto desse significado particular de saúde entendido como uma estética de consumo, enfatizando o seu afastamento da dimensão clínica, social e funcional da saúde ao seguir padrões e tendências mercadológicas.

Fundamentação teórica

Influenciada pelos avanços filosóficos e científicos, a construção dos conceitos de corpo e saúde sofreu grandes transformações ao longo da história, e na era contemporânea o corpo ganhou novos significados, transcendendo sua materialidade e tornando-se um objeto simbólico e culturalmente construído. Este processo de simbolização é fortemente influenciado pela ideologia neoliberal, que promove ideais de saúde relacionados ao desempenho e à estética.

Nessa discussão, Georges Canguilhem (2007) contribui para a compreensão da saúde e da doença como manifestações do estilo de vida de uma sociedade. Para ele, saúde é a capacidade de enfrentar riscos e enfrentar novas situações, enquanto a doença são as mudanças normais da vida. Michel Foucault (2006) complementa esta perspectiva ao analisar como o poder está incorporado nos corpos, moldando comportamentos e práticas normativas através de instituições sociais. Seu conceito de biopolítica destaca a gestão política da vida, onde programas de administração da saúde, alimentação e educação são utilizados para controlar corpos e promover um ideal de saúde alinhado às necessidades do poder econômico e político

Byung-Chul Han, em suas obras "A Salvação do Belo" (2019) e "Sociedade do Cansaço" (2015), analisa a sociedade do desempenho e a estética do belo-liso. Han argumenta que a contemporaneidade valoriza a produtividade e a performance, resultando em uma sociedade de autoexploração e autoaperfeiçoamento constante. A busca pelo "belo-liso" representa um ideal estético onde a beleza é associada à ausência de imperfeições e à perfeição superficial, criando um ambiente de uniformidade e ausência de singularidade. Este ideal estético está profundamente enraizado nos discursos neoliberais que promovem a imagem de um corpo perfeito como símbolo de sucesso e realização pessoal.

A estetização da saúde na sociedade pós-moderna é um fenômeno fundamental para a

compreensão da obsessão contemporânea pela perfeição física. Um ponto central na literatura é que a sociedade sempre valorizou um modelo ideal de beleza e, na contemporaneidade, esse modelo é fortemente influenciado pelo capitalismo e pela indústria cultural. A saúde tornou-se um bem de consumo, impulsionada por um mercado biotecnológico que vende produtos e serviços com a promessa de corpos jovens e bonitos. Este mercado não só estabelece padrões de beleza, mas também cria novas patologias sociais como ansiedade, insônia, anorexia e bulimia devido à busca constante pela perfeição física.

Bauman (2001) alerta que essa busca pela perfeição física e pela saúde torna-se uma guerra sem fim contra as imperfeições imaginadas, promovendo uma sociedade ansiosa e insatisfeita. Ele distinguiu entre "saudável", que se refere à capacidade de desempenhar bem as funções normais, e "fitness", que significa superar constantemente novos desafios, exigindo um corpo adaptável e melhorável.

Diante dos argumentos, é necessário considerar que o conceito de saúde na contemporaneidade é amplamente mediado pela mídia, que difunde ideais de beleza e saúde mediante uma retórica de consumo. Os meios digitais reforçam esta dinâmica ao promoverem ideais estéticos acessíveis a todos, mas simultaneamente difíceis de alcançar, perpetuando assim ciclos de consumo e insatisfação contínua. Este trabalho pretendeu discutir como a saúde se tornou um ideal de consumo, liberta das suas dimensões clínicas, sociais e funcionais, e destaca a necessidade de reconhecer os múltiplos significados e experiências da saúde na sociedade atual.

Desenvolvimento do tema

A pesquisa teve como objetivo analisar a transformação do conceito de saúde, especialmente no que se refere à estetização e ao contágio neoliberal do "saudável". O estudo foi estruturado em duas partes principais, cada uma com foco em diferentes aspectos da saúde e do corpo na contemporaneidade.

Na primeira etapa, investigou-se o histórico do corpo e da saúde, destacando como a saúde, inicialmente relacionada à ausência de doenças, evoluiu para um ideal de bem-estar físico, mental e social. Utilizando a teoria de Michel Foucault (2006), explorou-se a biopolítica e a normalização dos corpos através da medicina e das políticas de saúde pública. Foucault descreveu como o poder se infiltra no corpo, moldando comportamentos e criando normas que ditam o que é considerado saudável. A análise incluiu a perspectiva de Georges Canguilhem (2007), que argumenta que a normatividade é produzida pela vitalidade dos corpos, e não pela conformidade a normas preestabelecidas. Ele destacou que a saúde é uma capacidade de enfrentar riscos e lidar com novas situações, enquanto a doença é uma variação normal da vida. A pesquisa também incorporou a visão de Jean Baudrillard sobre o corpo como signifiante do *status* social e objeto de consumo na pós-modernidade, onde a aparência física se torna um símbolo de sucesso e realização pessoal.

Na segunda etapa, a análise concentrou-se na estetização da saúde e no papel das mídias e do neoliberalismo na disseminação de um padrão de beleza "belo-liso". Byung-Chul Han (2019 e 2015) foi fundamental para entender a sociedade do desempenho, onde a saúde e a beleza se tornaram objetos de auto-otimização e autoexploração. Han destaca como o neoliberalismo transforma indivíduos em empreendedores de si mesmos, constantemente vigilantes e responsáveis por sua saúde e aparência. Essa perspectiva revela uma transformação onde a saúde é menos uma questão de bem-estar e mais uma busca incessante por perfeição física.

É importante ressaltar que noção de beleza está ligada diretamente a uma perfeição, recaindo também a um ideal de saúde perfeita. O *perfectum* é aquilo realizado em plenitude, onde nada lhe falta ou sobra, sendo vinculado a uma transcendência. Segundo Han (2019), o corpo é terno, belo e gracioso quando é formado por partes lisas que não apresentam qualquer aspereza ou que confundam os olhos, ou seja, é na pele lisa que mora o belo. Nessa

superfície, o prazer é encontrado na beleza visual, no cheio, no gosto, na escuta, e também no tato.

Os resultados da pesquisa mostraram que o conceito de saúde perfeita, promovido pelos discursos neoliberais, desvia-se significativamente da dimensão clínica e funcional da saúde. A saúde passou a ser vista como uma estética de consumo, onde o corpo ideal é jovem, magro e sem imperfeições. A mídia desempenha um papel crucial na perpetuação desse ideal, promovendo produtos e serviços que prometem alcançar essa perfeição. Esta estetização da saúde gera um mercado lucrativo, mas também novas patologias sociais. As principais discussões incluem: disseminação do ideal de Saúde Perfeita; o ciclo neoliberal de auto-otimização e autoexploração do corpo e da saúde; os impactos na saúde mental e Social, as questões ligadas a desigualdade e exclusão e o seu distanciamento de uma Saúde Integral.

Apesar da promessa de salvação pela estética, o belo possui alguns “efeitos colaterais” como anestesiamento e adormecimento; já que, ao banir o não-ideal e o não-idêntico, não admite a surpresa e a estranheza. Não há abertura para a vista, que pressupõe sensibilidade e vulnerabilidade; ou, como afirma Byung-Chul Han, “não há verdade no inferno do igual” (HAN, 2019, p.52). Se tudo é igual, nada difere, nada estimula os nossos sentidos. Como o mito do Narciso, que se fixa e se perde em seu próprio reflexo, adormecendo para o mundo. Dizendo de outra maneira, “é que Narciso acha feio o que não é espelho” e tudo que não é a imagem do belo não lhe interessa; entretanto, no belo não há alteração de estado. O apaixonamento brutal por uma imagem de si o consome. No final, padece por faltar o gosto e o prazer; onde a vida precarizou, transformou-se em admirar e idolatrar a sua imagem.

O desgosto – e também as variações como desagrado, dissabor, desprazer e insatisfação – pode ser um mal atual dessa sociedade do espetáculo. Vale ressaltar que o narciso não é um caso de amor interior ou de paixão por si, mas por sua representação. É o que se parece no real: não estaríamos satisfeitos com a nossa saúde ou beleza, pois teríamos no imaginário um ideal de perfeição e é por ele que nos apaixonamos. A vida se converte em uma busca em atingir esse ideal com as possibilidades que podemos e em um mercado que beira a infinidade de tecnologias e práticas.

Portanto, é necessário ampliar a compreensão de saúde para além dos padrões estéticos, reconhecendo a pluralidade de corpos e suas experiências individuais e culturais. A exposição constante a padrões de beleza irrealistas promovidos pela mídia cria uma pressão constante para alcançar a perfeição corporal, o que pode levar a uma série de consequências negativas. Em termos de saúde mental, isso se manifesta em ansiedade, depressão, transtornos alimentares como anorexia e bulimia e baixa autoestima. Socialmente, a estetização da saúde agrava a desigualdade, uma vez que apenas uma minoria tem acesso aos recursos necessários para alcançar estes ideais de beleza. Isto cria uma cultura de exclusão onde os indivíduos que não cumprem estes padrões são marginalizados e estigmatizados. Além disso, a ênfase na aparência desvia a atenção de aspectos fundamentais da saúde, como o bem-estar emocional e as relações sociais saudáveis, promovendo assim um ambiente competitivo e superficial no qual o valor de alguém é determinado através da medida pelo cumprimento dos padrões estéticos.

Conclusões

Na sociedade do desempenho, o corpo adquire novos sentidos, substituindo a salvação pela saúde como novo culto. O culto ao corpo e à saúde dissemina discursos que controlam e ajustam condutas às normas sociais, enquanto aparenta promover liberdade. O individualismo neoliberal transforma todos em pacientes-consumidores, responsáveis pela vigilância contínua de sua saúde, informados por conhecimentos acessíveis nos meios de comunicação. Ser saudável tornou-se um modelo de vida a ser consumido, regulando o mal-estar moderno.

É crucial reconhecer a pluralidade de sentidos da saúde, contemplando a diversidade biológica, social, técnica e simbólica. A saúde não deveria se relacionar apenas à estética e perfeição, mas sim permitir a experiência das variações e limitações impostas pelo mundo. A

busca pela saúde perfeita, desprovida de afetações, não é libertadora. Para uma "boa vida", é essencial ser sensível às afetações, valorizando a diversidade e rejeitando padrões hegemônicos. A vida, embora não perfeitamente saudável, é plenamente experienciada através das variações e interações com o mundo.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2001.

CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder: Michel Foucault. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

HAN, Byung-Chul. Han. A salvação do belo. 2019.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2015.